



### ESTUDO DE CASO: O *CODE SWITCHING* NO HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS NAS FAMÍLIAS SCHNEIDER E MASSING NA CIDADE DE VALE REAL-RS<sup>1</sup>

Paola Schneider (IFRS Campus Feliz)<sup>2</sup>  
([pa\\_551@hotmail.com](mailto:pa_551@hotmail.com))

Cristiano da Silveira Pereira (IFRS Campus Feliz)<sup>3</sup>  
([cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br](mailto:cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br))

**RESUMO:** A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso sobre o *code switching* entre Hunsriqueano e Português, isto é, a troca entre códigos linguísticos que ocorre nas famílias Schneider e Massing, residentes no Município de Vale Real, no Rio Grande do Sul. Entende-se por Hunsriqueano (ou *Hunsrückisch*) a língua de imigração alemã mais falada no Brasil, que foi trazida pelos alemães durante a imigração germânica em 1824. Logo, são objetivos deste estudo: identificar o fenômeno *code switching* nas situações de fala dos falantes da língua de imigração; classificar a classe gramatical dos elementos recorrentes do *code switching* Hunsriqueano-Português; contribuir para a preservação escrita do Hunsriqueano no sentido de documentá-lo. A partir de uma entrevista estruturada, ocorreu a etapa das gravações com o auxílio de um gravador, em que os entrevistados falaram abertamente sobre quatro temáticas, utilizando a língua de imigração. Em seguida, coletaram-se os dados e se analisou a fala de treze falantes de ambas as famílias: dois avôs, sete tios e quatro primos, todos bilíngues, levando em consideração alguns fatores extralinguísticos, como gênero, idade, grau de escolaridade e língua materna. A análise das entrevistas destacou que a troca de códigos linguísticos neste contexto de pesquisa ocorre, na maioria das vezes, em substantivos, seguidos das interjeições e verbos, respectivamente. Para além disso, este estudo apontou que há um processo de substituição linguística do Hunsriqueano pelo Português entre os falantes mais jovens, o que mostra a possibilidade do uso do Hunsriqueano ser extinto na área estudada. Por fim, para além da análise linguística, este estudo dedicou-se ainda em contribuir no processo de salvaguardar o Hunsriqueano, visto que as línguas faladas pelos descendentes de imigrantes são uma parte da história do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Variacionista. *Code Switching*. Língua de Imigração. Hunsriqueano. Bilinguismo.

**ABSTRACT:** This research promotes a case study about the Hunsrückisch-Portuguese code switching, which consists in a shift between language codes that occurs in Schneider and Massing families, who live in Vale Real, state of Rio Grande do Sul. Hunsrückisch (in German) is considered the most widely spoken German immigration language in Brazil, which was brought by the German people during their immigration, in 1824. So, this study aims: a) Identifying the code switching phenomenon in the speech situations from the immigration language speakers; b) Classifying the word class of the recurrent words

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do título de Graduada em Letras — Português e Inglês, sob orientação de Cristiano da Silveira Pereira.

<sup>2</sup> Acadêmica do 8º semestre do curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) — Campus Feliz. E-mail: [pa\\_551@hotmail.com](mailto:pa_551@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) — Campus Feliz —, mestre em Letras pela UFRGS e doutorando em Letras pela UFRGS. E-mail: [cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br](mailto:cristiano.pereira@feliz.ifrs.edu.br)



during the Hunsrückisch-Portuguese code switching; c) Contributing to the Hunsrückisch written preservation in order to register it. Starting from a structured interview, the recording stage took place using an audio recorder, in which interviewees freely spoke about four themes, speaking in their immigration language. Then, data were collected and speech was analyzed from thirteen speakers of both families: two grandparents, seven uncles and four cousins, all bilingual; considering some extralinguistic aspects, such as: gender, age, educational level and mother tongue. The interviews' analysis emphasizes that the shift between linguistic codes in this context of research occurs mostly in nouns; followed by interjections and verbs, respectively. In addition, this study has pointed out that there is a process of linguistic replacement, from Hunsrückisch to a Portuguese favoritism among younger speakers, which shows a possibility of the extinction in use of Hunsrückisch in the studied area. Finally, in addition to a linguistic analysis, this study is also dedicated to contribute to safeguard Hunsrückisch, once the languages spoken by the immigrants' descendants are part of Brazil's history.

**KEYWORDS:** Variationist Sociolinguistics. Code Switching. Immigration Language. Hunsrückisch. Bilingualism.

### 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é constituído por diferentes povos: alemães, italianos, portugueses, africanos, dentre outros, resultando em uma ampla diversidade cultural. Dessa forma, a colonização alemã contribuiu de forma significativa, por exemplo, para ampliar esta diversidade cultural. Os alemães que aqui chegaram trouxeram inúmeras heranças culturais e, dentro delas, uma muito importante: a língua de imigração hoje denominada Hunsriqueano. O nome se justifica, pois grande parte dos imigrantes são provenientes da região de Hunsrück, localizada no centro-oeste da Alemanha. Os falantes também utilizam diferentes nomenclaturas para denominar a língua de imigração, tais como “Deutsch”, “Platt”, “Dialekt” (HABEL, 2017).

Assim, essa língua de imigração se difundiu por todo o Brasil, de forma mais intensa na região Sul do país. Atualmente, ainda é falada por muitas comunidades, sendo a língua materna de muitos falantes; é o caso dos sujeitos de pesquisa deste estudo: descendentes de alemães e falantes do Hunsriqueano. Nesse viés, a pesquisa se deteve em identificar a troca de códigos linguísticos entre os falantes da família Schneider e Massing e responder o questionamento acerca das classes gramaticais em que ocorre o fenômeno *code switching* entre Hunsriqueano-Português. De acordo com



Porto (2017, p. 1), o fenômeno diz respeito ao “uso de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação conversacional.”

A escolha do tema de investigação surgiu da necessidade de investigar essa língua de imigração tão rica culturalmente e que faz parte da identidade de um povo. De certa forma, como objetivo secundário, a pesquisa procurou contribuir ainda na preservação dessa língua, no sentido de documentá-la, visto que possivelmente será extinta, devido ao processo de substituição do Alemão pelo Português pelos jovens. Com o intuito de investigar o fenômeno *code switching* no Hunsriqueano - Português realizou-se uma pesquisa exploratória a partir de um estudo de caso dos falantes desta língua de imigração nas famílias Schneider e Massing. Para a coleta de dados, utilizou-se a metodologia da pesquisa qualitativa, a partir de gravações e da análise de dados. As hipóteses da pesquisa supõem que a classe gramatical predominante nas trocas de códigos linguísticos, isto é, do *code switching*, são verbos, substantivos e interjeições.

## 2. SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é um dos ramos da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. Por sua vez, faz-se necessário, neste estudo, apresentar as noções de língua a partir dos estudos de Willian Labov, considerado o pai da Sociolinguística, o qual elaborou a Teoria da Variação Linguística, bem como a nossa percepção de língua, dialeto e língua de imigração a ponto de apresentar melhor nosso objeto de estudo: o Hunsriqueano.

### 2.1 SOCIOLINGUISTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é um dos ramos da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação Linguística foi elaborada a partir dos estudos de William Labov, o qual se propôs a ter um novo olhar sobre as estruturas das línguas, mais especificamente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguística.

Logo, para compreender a variação e a mudança linguística, conforme a presente teoria deve-se levar em consideração não apenas o âmbito social, mas também é primordial observar a língua dentro de uma comunidade de fala, além de estudar eventos em que os falantes estejam se comunicando de forma natural, ou seja, conforme se comunicam em situações do cotidiano. Logo, Labov (2018, p. 21) apresenta sua perspectiva sobre a Teoria Variacionista:

O ponto de vista do presente estudo [Sociolinguística Variacionista] é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2018, p. 21).

Assim, entendendo a perspectiva social quanto ao uso da língua, Labov (2008) compreende a variação como algo inerente a todas as línguas. Aqui, é necessário apresentar a heterogeneidade da língua apresentada por Labov, que pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, embora ela siga um padrão.

A partir das ideias dessa vertente teórica, é possível dizer que todas as línguas apresentam variações linguísticas, e essas variações podem ocorrer de diferentes formas. Dessa forma, o termo mais abrangente para explicar a variedade dialetal é utilizando a nomenclatura “variedade”, isso porque gera um teor de neutralidade, devido à carga ideológica presente no termo “dialeto”, como abordado a seguir.

## **2.2 LÍNGUA, DIALETO E LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO**



A denominação dialeto é originária do grego *dialéktos*, isto significa uma “maneira de falar individual”; tal definição é criticada por Altenhofen (2008) devido a sua polissemia de sentido. Corroborando essas ideias, de acordo com Habel (2014), constituiu-se em alemão o termo *Mundart*, que em outras palavras tem significado de “a arte de falar ou de se comunicar 'oralmente' com outras pessoas”, uma vez que os dialetos dispõem de pouco ou nenhum material escrito. Possivelmente esse fato é o que os diferencia: o hábito de escrita por parte da língua e o hábito da oralidade por parte do dialeto, ainda que ambos sistemas linguísticos sejam dotados de complexidade.

Do ponto de vista linguístico, quando se trata de língua e dialeto, não há diferença quanto ao caráter sistêmico, uma vez que um dialeto também deve ser considerado uma língua devido a sua atividade linguística, o qual possui fonemas, léxico, sintaxe e gramática assim como aponta Coseriu (1982, p. 10-11):

Entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o sustancial. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico. (...) Así, pues, en sentido, objetivo (...), el término dialecto [...] no significa otra cosa que el término lengua.<sup>4</sup> (COSERIU, 1982, p. 10-11)

Coseriu (1982) destaca ainda que todo dialeto pode ser considerado uma língua e, no entanto, nem toda língua pode ser considerada um dialeto. Para além disso, há outra questão que deve ser levantada: o *status* histórico atribuído aos conceitos de língua e dialeto, no qual o primeiro é visto como uma verdade absoluta, um padrão a ser seguido, enquanto o segundo categoriza-se ao que chamamos de línguas minoritárias, as quais habitualmente é atribuído uma carga de preconceito, além de, muitas vezes, não ser considerada uma língua. Dessa forma, Coseriu (1982, p. 12) destaca: “hay, entre 'lengua' y 'dialecto', diferencia de estatus histórico (...): un 'dialecto', sin dejar de ser

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “entre dialeto e língua não há diferença de natureza ou substancial. Intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e lexical. [...] Assim, em certo sentido, objetivo [...], o termo dialeto [...] não significa outra coisa senão o termo língua.

intrinsecamente uma 'língua', se considera como subordinado a outra 'língua'." (CORSERIU, 1982, p.12)<sup>5</sup>.

Conforme Altenhofen (2008), no Alemão, o termo dialeto costuma ser utilizado para designar tudo que não é padrão e tudo que é essencialmente falado/oralizado. Nesse sentido, ao dialogar acerca das variedades linguísticas, especificamente das variedades do Alemão, Altenhofen (2008, p. 32) aponta:

O escrito, ensinado na escola com auxílio de uma gramática representa o certo, o oficial, a língua propriamente dita, e contrasta com o dialeto, a sua interface falada, à qual se incorpora uma série de atributos negativos, a tal ponto de se ouvir muitas vezes juízos de valor depreciativos como "das is kee Sproch" ('isso não é língua'). (ALTENHOFEN, 2008, p. 32)

Dessa forma, a língua tem um caráter oficial, e, no entanto, o dialeto é considerado um subsistema e constantemente utilizado para denominar uma "língua errada" ou uma "língua de colonos". Isso se explica pelo aspecto social de quem fala um dialeto, ou seja, associa-se esse tipo de linguagem às classes menos escolarizadas, enquanto a língua-padrão é relacionada à língua ensinada na escola e, conseqüentemente, às classes privilegiadas.

Refletindo a respeito, é possível afirmar que o Hunsriqueano é uma variação do Alemão. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar alguns dados significativos: de acordo com Altenhofen (2008), sabe-se que, no Brasil, além do Português, aproximadamente 210 línguas sejam faladas: dessas, 180 são indígenas ou autóctones e 30 de imigração, ou alóctones, além de variantes afro-brasileiras, fenômenos de fronteira (portunhol) e as variedades regionais do Português brasileiro. Evidentemente, o objeto de pesquisa deste estudo (o Hunsriqueano) enquadra-se nas línguas de imigração, as quais Altenhofen (1996, p. 27) as conceitua da seguinte maneira:

Trata-se de uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: "Existe, entre 'língua' e 'dialeto', diferença de status histórico [...]: um 'dialeto', embora permaneça intrinsecamente uma 'língua', é considerado como subordinado a outra 'língua'."



de Hunsrückisch, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

Para além disso, Oliveira (2003 apud ALTENHOFEN, 2007) ainda destaca a existência de aproximadamente 30 línguas de imigração no país, obviamente inseridas devido ao processo de imigração, dentre a qual o Hunsrequeiano é a mais falada. Ainda, de acordo com Altenhofen (2013) há, no Brasil, cerca de treze variedades do Alemão identificadas.

Com a imigração alemã no Brasil, logo, o Hunsriqueano e o Português entraram em contato, resultando em contatos linguísticos. Desse modo, é considerável apontar alguns aspectos frutos de contatos linguísticos presentes em algumas comunidades de fala, aqui especificamente na cidade de Vale Real/RS. Tais contatos linguísticos entre o Português e a língua de imigração Hunsriqueano (objeto de estudo) ocasionaram alguns empréstimos linguísticos significantes, havendo expressões, palavras e termos “intraduzíveis” já enraizados no contexto dessa comunidade de fala, como, por exemplo, “*schmeerich*” (embaçado), “*frech*” (mal educado), “*Häckes fui*” (que nojo), as quais são empregadas em situações de fala em que a língua manuseada é o Português. No entanto, o mesmo ocorre em situações de fala em que está se utilizando o Hunsriqueano e usam-se termos do Português, os quais foram adaptados, no qual podemos utilizar exemplos como “*resolveere*” (resolver) e “*potreer*” (potreiro).

Esses contatos linguísticos, acima exibidos, resultaram em empréstimos enraizados tanto na língua oficial quanto na língua de imigração específica. Sob esses contatos, Altenhofen (2008, p. 39) evidencia:

Na verdade, é bastante improvável, para não dizer uma ilusão, que se possa encontrar tais dialetos na sua forma pura, original e intocável, isenta da influência do português e de outros dialetos em contato. Isso sequer pode ser determinado por um trabalho de laboratório, em que um dialetólogo identifica de forma científica o dialeto de alguém como sendo A ou B (ALTENHOFEN, 2008, p. 39).

Por outro lado, para além de se ter empréstimos linguísticos da língua de imigração Hunsriqueano para o Português e vice-versa, há, nesse contexto, outra ocorrência importante, a qual é o alicerce deste estudo: a troca de códigos linguísticos nas situações de interação, as quais são denominadas *code switching*. Nesse sentido, essa troca de códigos linguísticos pode ocorrer por diversos motivos e em classes gramaticais distintas, especialmente por se tratar de falantes bilíngues.

### **2.3 BILINGUISMO E CODE SWITCHING**

Considerar as noções de bilinguismo sob diferentes perspectivas e apresentar a concepção a partir da qual esta pesquisa se fundamenta é de extrema importância. Desta maneira, apresentar-se-ão nas seções seguintes as definições de diversos autores no que diz respeito às concepções de bilinguismo e do *code switching*, visto que o segundo considera-se uma capacidade comunicativa do ser bilíngue.

#### **2.3.1 BILINGUISMO**

Definir o conceito de bilíngue ou o bilinguismo em si não é tarefa fácil, uma vez que o entendimento desse conceito é apresentado de diferentes formas por diferentes autores, e alguns se tornam controversos.

Saer (1922), por exemplo, acredita que um bilíngue configura dois monolíngues em uma só pessoa que porta capacidade e desempenho igual ao de um falante nativo em ambas as línguas. Por outro lado, por entender que todas as pessoas conhecem vocábulos em outra língua diferente da materna, Edwards (2006) crê que todos os indivíduos são bilíngues. Altenhofen (1990, p. 44), no entanto, discorda dos demais autores e acredita que “Em geral, o indivíduo domina apenas uma língua das 2.796

línguas que se supõem existirem - e isso nem sempre bem. [...] ninguém domina de igual modo uma língua, embora todos a dominem de modos parecidos.”

O autor supracitado aponta ainda que o bilinguismo é relativo e, desta forma, define-o como “o uso de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo.” (MACKEY, 1972, p. 555 apud ALTENHOFEN, 1990, p. 45). Ainda, salienta que, para se construir uma teoria Sociolinguística integrada ao bilinguismo, esse conceito deve ser visto e estudado sob uma perspectiva interdisciplinar, levando em consideração as inter-relações psicológicas, linguísticas e socialmente complexas.

Levando em conta as noções de bilinguismo apresentadas por diferentes pesquisadores, levar-se-á em consideração que bilíngue é aquele que consegue se comunicar em duas línguas em diversos contextos, podendo haver a oscilação de códigos linguísticos, justamente por compreender o fenômeno *code switching* como algo natural e inerente a falantes com tal capacidade comunicativa.

### **2.3.2 VARIAÇÃO NO BILINGUISMO**

Da mesma forma que há variações na Língua Portuguesa, há variações no bilinguismo, em que os falantes podem fazer oscilações de códigos linguísticos de duas variedades de base igual: Alemão padrão e Hunsriqueano, por exemplo; ou de duas variedades de base diferente: Hunsriqueano-Português: o que ocorre com os sujeitos desta pesquisa. Nesse sentido, acerca da variação no bilinguismo, Altenhofen (1990) afirma que:

Uma vez que há dois sistemas linguísticos distintos em contatos na comunidade bilíngue, assumimos que as variantes aí encontráveis terão o traço [L1] ou [L2], ou ainda, eventualmente, um traço intermediário [L1/L2], conforme reúnam elementos mais desta ou daquela língua envolvida (ALTENHOFEN, 1990, p. 40).

Para o indivíduo bilíngue, anuncia-se, em cada situação, a necessidade de optar por um código ou outro, e essa escolha não acontece de forma aleatória, mas por diversos fatores, dentre eles os extralinguísticos, que são subjacentes às estruturas de ambas as línguas. Esse processo de troca de códigos se dá de três maneiras: *diglossia*, *code switching* e *language shift* (ALTENHOFEN, 1990).

### 2.3.3 CODE SWITCHING

Inicialmente, os estudos do *code switching* não eram considerados relevantes. Somente a partir dos estudos dos norte-americanos John Gumperz e Dell Hymes, em 1972, é que o fenômeno passou a ter prestígio e a ser visto como algo significativo. Gumperz, também precursor da Sociolinguística Interacional, define o *code switching* como “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos.” (GUMPERZ, 1982, p. 59). Ainda, para o autor, a escolha do código é uma estratégia discursiva, visto que o uso de uma variante em detrimento de outra possui relevância intencional para o significado da mensagem.

A partir disso, o *code switching* tem sido categorizado de acordo com diferentes perspectivas. Com o intuito de classificá-lo, Blom e Gumperz (1972) identificam dois tipos de *code switching*: o metafórico e o situacional, que se referem não apenas à língua, mas também ao seu contexto de uso. Dessa forma, Moutinho (2013, p. 47) conceitua o *code switching* metafórico e situacional da seguinte maneira:

O code-switching metafórico, por sua vez, relaciona-se mais com tipos particulares de tópicos do que com mudanças na situação social, adicionando ao discurso significados subjacentes. O code-switching situacional ocorre quando há uma mudança nas normas que governam a interação de acordo com a situação em que os falantes se encontram, acarretando uma redefinição da situação, dos direitos e obrigações dos participantes (MOUTINHO, 2013, p. 47).

Entretanto, uma das categorizações mais abrangentes do *code switching* é a de Dabène e Moore (1995), que o classificam em: intra-sentencial, inter-sentencial e entre enunciados, dependendo da posição das alternâncias na sentença.

Conhecendo a língua objeto deste estudo, a comunidade linguística que a fala, bem como os sujeitos desta pesquisa, é possível afirmar que, em diferentes contextos, o *code switching* Hunsriqueano-Português acontece nas três categorias apresentadas por Dabène e Moore (1995). No entanto, é importante lembrar que o objetivo deste estudo não é classificar este contexto de trocas linguísticas a partir dos autores citados acima, mas sim identificar em que classe de palavras essas trocas são mais recorrentes.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Elaborou-se um estudo de caso das famílias Schneider e Massing, falantes do Hunsriqueano, no qual a coleta de dados se fez por meio de uma entrevista semiestruturada e com o auxílio de um gravador. Após, sucedeu-se a transcrição e tradução das entrevistas, as quais serão examinadas a partir das seguintes categorias analíticas: sexo/gênero, idade, língua materna e grau de escolaridade dos falantes. Ainda, para fins de análise, só serão levados em considerações entrevistas que contenham o *code switching* e, dessa forma, frases faladas no Português durante a gravação serão descartadas e não serão classificadas quanto a sua classe gramatical.

### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

Para a análise dos dados, levaram-se em conta as seguintes categorias analíticas e fatores extralinguísticos: sexo/gênero, grau de escolaridade, idade e língua materna dos falantes. Como forma de organização dos dados, os falantes foram nomeados com



as siglas F1 a F13, por exemplo, designados assim de acordo com a faixa etária, sendo o F1 o mais velho e o F13, mais novo.

No decorrer das transcrições das gravações, percebeu-se que o *code switching* acontece de duas maneiras: em palavras derivadas do Português, mas já incorporadas ao Hunsriqueano e adaptadas à fonética e à gramática da língua, sendo empréstimos antigos, e em palavras em Português usadas sem adaptação. No entanto, para este estudo, analisaram-se exclusivamente as palavras utilizadas sem adaptação e, dessa maneira, as palavras utilizadas com adaptação farão parte de estudos futuros. Sendo assim, durante o desenvolvimento desta análise, as palavras que representam empréstimos antigos e adaptações estarão sublinhadas e as que são usadas sem adaptação estão em negrito e em letra maiúscula.

Ao analisar os dados, averiguou-se que os verbos, em sua maioria, são empregados a partir de adaptações, embora alguns falantes façam o *code switching* sem adaptações. Os substantivos, por sua vez, são empregados, na maioria das vezes, sem adaptações, salvos alguns casos. As interjeições são utilizadas totalmente sem adaptação, muitas formadas a partir da redução de expressões verbais, tais como *é* e *tá*.

A seguir, são analisadas as trocas de códigos linguísticos a partir das categorias: sexo/gênero, idade, grau de escolaridade e língua materna, bem como são apresentados os gráficos quantitativos:

#### **4.1 Categoria analítica: sexo/gênero**

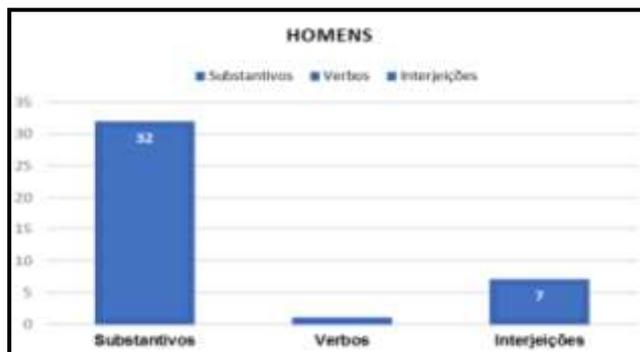
Ao observar os dados coletados por esta pesquisa, constatou-se que o sexo/gênero dos falantes interfere na troca de códigos linguísticos. Para tanto, apresenta-se o Gráfico 2 que se refere a 5 falantes do sexo feminino e o Gráfico 3 que se refere aos 8 falantes do sexo masculino.

Gráfico 1 – Quantificação do *code switching* em mulheres



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Gráfico 2 – Quantificação do *code switching* em homens



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Nos gráficos 1 e 2 pôde-se perceber que os homens cometem menos *code switching* nos verbos e mais em interjeições. Por outro lado, as mulheres cometem mais trocas linguísticas em verbos do que em interjeições. Por sua vez, a troca de códigos linguísticos entre substantivos é equilibrada. Ao contabilizar o número de *code switching* realizados entre as 5 mulheres, soma-se um total de 40 trocas, das quais 33 acontecem com substantivos, 4 em verbos e 2 em interjeições. Os 8 falantes do sexo masculino, por sua vez, somaram um total de 40 trocas, das quais 32 aconteceram em substantivos, uma em verbo e 7 em interjeições.

No entanto, levando-se em consideração o número de falantes de cada sexo, concluiu-se que as mulheres cometem mais trocas de códigos linguísticos. Esta afirmação

comprova-se em duas situações em que ambos falantes têm idades semelhantes, partilham da mesma língua materna e têm mesmo grau de escolaridade. Aqui, selecionou-se a temática em que os entrevistados falam sobre a infância em um modo geral, o falante 3 é do sexo/gênero masculino e o falante 9, do sexo/gênero feminino. Veja-se:

**F3:** “Meer mussde immer fiel schaffe, mussd die Schweinstell sauvermache, die Geesstell, die Fieh fitte un... waar alles so schlimm geweest, un dann mussd-ma in die... halve Daagh in die Schul gehn. Do mussd-ma weit gehn, barfusich gelaaf. Keen Schlappe gehad fer aansedun. Han so warme Schlappe kried fer aansedun wenn-ma in die Schul komm. Dann hon se geweshd die Fis un do hom-mer die mol aangedun. Waar alles... un dann so aam Samsdach, Sonndach waar-et scheener. Konnte-mer immer spiele. Mim Gaul geridd, Lenkkarett gefaar, so... alle so Dinger meer abgelehd... dat Zeide.”

“Sempre tínhamos que trabalhar muito, tinha-se que lavar o chiqueiro, o curral das cabras, alimentar os animais e... era tudo difícil, e aí tínhamos que ir na... metade do dia na escola. Aí se tinha que caminhar longe, andar descalço. Sem ter chinelo para botar. Ganhávamos uns chinelinhos quentes para botar quando se chegava na escola. Aí lavavam os pés e os vestíamos. Era tudo... e aí assim no sábado, domingo era melhor. Podíamos sempre brincar. Andávamos com o cavalo, andávamos com o carrinho de lomba, assim... Coisas assim me vem daquele tempo.”

**F9:** “Iwer **INFÂNCIA EM GERAL**. Meer han fiel gespield in Geschwisder, meer sin de Laade raus gehupsd. De Bruder had bis en Aarme ferbroch. Un meer han fiel gegappd, im Reen rom gespield. Un... waar in Plantaasch gang mim **PAI** un **MÃE** un... Waar scheen geweend\*. **ERA**... waar en Zeid wo, wo ma froh waar. Wo ich scheen gefunn hon. Hadde genuch se esse gehad.”

“Sobre a infância no geral. Nós brincávamos muito entre irmãos, pulávamos pela janela. O irmão até quebrou um braço. E nós nos balançávamos bastante, brincávamos na chuva. E... íamos na roça com o pai e mãe e... Era bonito. Era... era um tempo em que, em que éramos felizes, que eu achava bonito. Tínhamos o bastante para comer.”

Agora, compara-se o falante 1, do sexo/gênero masculino, e o falante 2, do sexo/gênero feminino, na temática *piada*, os quais portam as mesmas características que

os falantes acima: ambos têm idades semelhantes, partilham da mesma Língua Materna e têm mesmo grau de escolaridade, embora sejam de sexos diferentes.

**F1:** “Do waar mol en Guri in die Schul gang... en Schul Guri geweest. Un do had die Lehrin gefrohd, wie fiel Euer dääd en Hinkel lehe de Daagh. Anner Daagh solld-er de Resposta gewe de Lehrin. Un do is-er anner Daagh in die Schul komm, had die Lehrin gefrohd: “Wie fiel Euer lehd een?” “Ah, ich hon schun fergess!” had-er gassad, né. “Ich wees gaar nie meh”. Un do “Bist-du so fergesser?” “Io, du hast mich mol en Pergunta gemach. Wie fiel Euer dääd en Hinkel lehe. Ich dun dich mol aach was frohe. Wie fiel Ditze, wie fiel Ditze had en Sa... en Sau, en Mok né.” “Ei, ich wees net.” Häd de Guri gasaad iwich die Lehrin. g. Heit had-ich die Ditze gegriff.” “Ha, du hast mich in de Euer gefang. Heit had-ich die Ditze gegriff.”

“Um guri foi uma vez à escola... um guri que ia à escola. E aí a professora perguntou quantos ovos uma galinha punha por dia. No outro dia ele deveria dar a resposta à professora. Aí ele foi no outro dia à escola, a professora perguntou “Quantos ovos uma galinha põe?” “Ah, eu já esqueci” ele disse, né. “Eu já não sei mais”. E aí “És tão esquecido?” “Sim, você me fez uma pergunta. Quantos ovos uma galinha põe. Eu também vou te perguntar uma coisa. Quantas tetas, quantas tetas tem uma po... uma porca, uma porca com filhotes, né.” “Ai, eu não sei”. O guri disse para a professora “Ha! Você me pegou pelos ovos. Hoje eu te peguei pelas tetas.”

**F2:** “En mool waar en Mann un en Fraa. De Mann had immer **CAMINHÃO** gefaar. Frett gefaar. Un die Fraa had en gewaart, bis-er hemm solld komme. Um die had sich gebaad, scheen aangedun, uff eemol hod-se sich ins Bett geleed. Un de Mann komm un keen Kuss nicks gebb, un geschlof. Un do häd die Ma... die Fraa gesaad... häd-se en wach gemachd un saad “Mann, waromm suchst-du mich net?” “Ei, fer was fersteckelst-du dich net?”

“Uma vez havia um homem e uma mulher. O homem sempre dirigia caminhão. Fazia frete. E a mulher o esperava, até ele vir para casa. E ela se banhou, se vestiu bem, uma hora se deitou na cama. E o homem veio e nem deu um beijo, e dormiu. E aí a ma... a mulher disse... o acordou e disse “Homem, porque você não me procura?” “Ora, por que você não se esconde?”

A partir dos gráficos e dos exemplos apresentados acima, concluiu-se que, embora o *code switching* aconteça nas mesmas classes de palavras para todos os falantes, sejam eles do sexo feminino ou masculino, nesta categoria analítica da pesquisa, mulheres cometem mais trocas de códigos linguísticos se comparado aos homens. Para tanto, talvez isso possa ser explicado pelo fato de as mulheres serem mais

expostas a ambientes bilíngues, uma vez que mulheres tendem a ser mais sociáveis que homens e, dessa forma, têm um contato maior com falantes de Português e Hunsriqueano, enquanto homens têm círculos sociais menores e não usam tanto o Português. Certamente, esta é uma das possíveis explicações para o resultado deste dado, embora possam existir outras possibilidades que o expliquem, mas que desconheço.

## 4.2 Categoria analítica: idade

De fato, a idade dos falantes influenciou na ocorrência do *code switching*, visto que as pessoas com mais idade cometem menos trocas de códigos linguísticos do que os jovens. Isso se explica, pois, na maioria das vezes, pessoas mais novas têm mais contatos com a Língua Portuguesa e as mais velhas, não. Ainda, no contexto desta pesquisa, pessoas com idades mais elevadas tendem a ter o Hunsriqueano como língua materna (L1), enquanto as mais jovens tendem a ter a Língua Portuguesa como língua materna (L1). Desse modo, o Gráfico 4 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições, entre idosos de 70 a 85 anos (2 falantes), representando os avós.

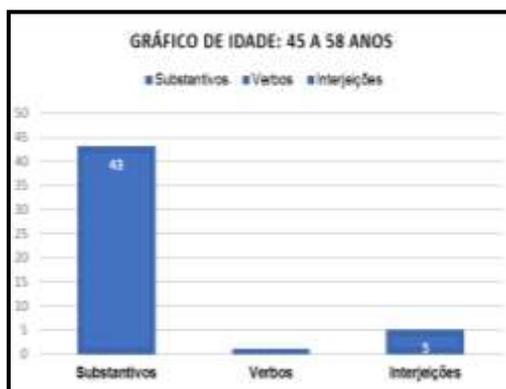
Gráfico 3 – Idade: 70 a 85 anos



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

O Gráfico 5 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições entre adultos de 45 a 58 anos (7 falantes), representando os tios.

**Gráfico 4 – Idade: 45 a 58 anos**



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

O Gráfico 6 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições entre jovens de 20 a 36 anos (4 falantes), representando os primos.

**Gráfico 5 – Idade: 20 a 36 anos**



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

A partir dos dados dos gráficos 4, 5 e 6, deve-se levar em consideração a quantidade de falantes em cada categoria de idade. Dessa forma, pode-se perceber que não ocorre o *code switching* em verbos pelos falantes de 70 a 85 anos; entre os 7 falantes de 45 a 58 anos, ocorreram pouquíssimas trocas de códigos nesta classe de palavras; e, no entanto, entre os 4 falantes de 20 a 36 anos ocorreram 4 trocas de códigos linguísticos em verbos. As interjeições, por sua vez, apareceram em todos os falantes, mantendo um padrão, e os substantivos representam a classe de palavra em que mais ocorre a troca de códigos linguísticos.

Considerando que a idade dos falantes influenciou na troca de códigos linguísticos, pode-se comparar os falantes 1 e 6 na temática *história feliz sobre a infância*. Ambos têm o Hunsriqueano como língua materna, possuem escolaridade semelhante, são do sexo masculino, embora tenham diferença de idades: o primeiro tem 81 anos e o segundo 46 anos. Veja-se:

**F1:** “[...] *das waar Fusball spiele. Jede Ovend for Nacht sim-mer in de Potreere gang un dan ham-mer mol Fusball gekloppd, NÉ. Um Daagh ham-mer geschaffd bei de Alte, NÉ. Das waar iwerscheen geweest. Heit se Daagh is-ma schun alt, dann hom-mer nichs meh.*”

“[...] *era jogar futebol. Toda tardinha íamos ao potreiro e então batíamos bola, né. De dia trabalhávamos com os velhos, né. Isso era maravilhoso. Hoje em dia já se é velho, então não temos nada.*”

**F6:** “*Wie meer kleen waare, hon meer sonndachs die ganz GURISADA fun de Nachberschleid sammergeruf, ham-mer Fusball gespield in unser potreer, un nohäer speder hin sin meer immer in CACHOEIRA baade gang, allegarde, die ganz TURMA. MAS das waar en scheen FOLIA geweend immer.*”

“*Quando éramos pequenos, juntávamos aos domingos toda a gurizada da vizinhança, jogávamos futebol no nosso potreiro, e depois mais tarde íamos nos banhar na cachoeira, todo o grupo, a turma toda. Mas isso era sempre uma bela folia.*”

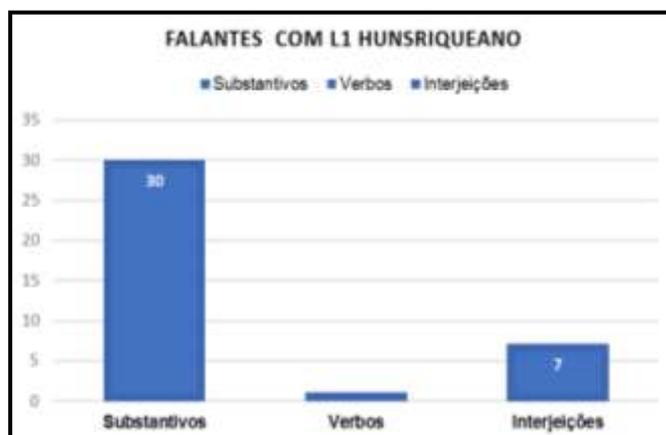
Analisando essas falas, concluiu-se que o falante com idade mais elevada cometeu apenas uma troca de código linguístico quando comparado com o falante mais

jovem, que cometeu o *code switching* em diversos substantivos. Para tanto, nesta categoria analítica, aponta-se que pessoas com idades mais elevadas cometem menos trocas de códigos linguísticos e, dessa forma, concluiu-se que a idade interfere nessas trocas.

### 4.3 Categoria analítica: língua materna

Para além da análise dos fatores extralinguísticos já realizado apresentado, deve-se considerar ainda a língua materna dos falantes nas situações de troca dos códigos linguísticos. Ao longo da análise, pôde-se observar que os falantes que têm o Hunsriqueano como língua materna cometem menos trocas de códigos linguísticos, e, conseqüentemente, com os falantes que têm a Língua Portuguesa como língua materna o *code switching* é mais corriqueiro, como se pode observar nos gráficos 7 e 8.

**Gráfico 6 – Falantes que possuem o Hunsriqueano como Língua Materna**



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

## Gráfico 7 – Falantes que possuem a Língua Portuguesa como Língua Materna



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Nos gráficos 8 e 9, quantificou-se os dados dos treze entrevistados. Destes, 4 possuem a Língua Portuguesa como língua materna e 9 possuem o Hunsriqueano como língua materna. A partir dos dados apresentados, pode-se verificar que os 09 falantes de L1 Hunriqueano cometeram no total 30 trocas de códigos em substantivos, uma troca em verbos e 7 em interjeições. Por outro lado, os 4 falantes de L1 Língua Portuguesa cometeram 34 trocas de códigos em substantivos, quatro trocas em verbos e duas em interjeições. Vale lembrar ainda que descartaram-se os dados em que os falantes falaram frases inteiras em Língua Portuguesa. Dessa forma, levando em consideração o número de falantes em cada gráfico, observa-se que os falantes que possuem a Língua Portuguesa como L1 cometeram mais trocas de códigos linguísticos, essencialmente substantivos e verbos, e menos trocas de códigos em interjeições, quando comparado com os falantes de L1 Hunsriqueano.

Para confirmar esse dado, observam-se as falas de duas falantes na temática *história triste*, com idades em torno dos 50 anos, do sexo/gênero feminino, que possuem o mesmo grau de escolaridade, entretanto com línguas maternas diferentes. A falante 9 tem como L1 o Hunsriqueano, enquanto a falante 8 tem como L1 a Língua Portuguesa.



**F9:** “So, meer, ich waar aarich traurich wenn mein Fatter hod fiel gedrunck un dann is-er hemmkomm, un dann had-er kee Grenz. Un dann waare meer immer ruhich geblibb, meer had Bang gehad, un...”

“Então, nós, eu ficava muito triste quando meu pai bebia demais e aí ele vinha para casa e então não tinha limites. E então ficávamos sempre quietos, nós tínhamos medo, e...”

**F8:** “In mein **INFÂNCIA**, ich waare so froh, so froh fer in die Schul gehn, letzte Daagh aan die Schul gehn. Mein Gott, **MOCHILA**... Zucker Seckche, **MOCHILAS** mache, in die Schul gehn... Ich waare so froh, so froh... letzte Daagh. Un... ich waare fertich fer in die Schul gehn, mein Paio had... is er komm un gesaad. “Deer gehd net heit in die Schul”... “Ja, **PAI**, fer wat net? Ich wold gehn, ich wold weese, wer so?” “Ja, de Wowo is gestorreb.” “Dies is mein **LEMBRANÇA**... Letzte Daagh in de Schul mein Wowo gestorreb.”

“Na minha infância, eu estava tão feliz, tão feliz para ir para a escola, último dia para ir à escola. Meu deus, mochila... Saquinho de açúcar, fazer mochilas, ir para a escola... Eu estava tão feliz, tão feliz... último dia. E... eu estava pronta para ir para a escola, meu pai fez... ele veio e disse: “Vocês não vão hoje para a escola”... “Ora, pai, por que não? Eu queria ir, eu queria saber, quem assim?” “Bem, o vô faleceu”. “Esta é minha lembrança... Último dia na escola meu vô faleceu.”

O mesmo pode ser observado com outros dois falantes de idades semelhantes, do sexo/gênero masculino, mas com línguas maternas diferentes no desenvolvimento da temática *história triste*. O falante 11 tem como língua materna a Língua Portuguesa, enquanto o falante 10 tem como língua materna o Hunsriqueano.

**F11:** “De André, mein Tio, **SE ENVOLVEU NUM ACIDENTE**. Un kammersaan net, net saan... zwellef Uhr waar-er gestorreb mit Moto. Dat waar net leicht fer, wie ich dich gesaad, net fer mich, net fer uns... **NÉ**. Unser Familie waar ganz ferloer. Mein Bappa had **SOFREERD**, meine Parente allegaar **SOFREERD, né**.”

“O André, meu tio, se envolveu num acidente. E praticamente não, não dizer... doze horas ele estava morto com Moto. Isso não foi fácil para mim, como eu disse, nem para mim, nem para nós, né. Nossa família ficou toda perdida. Meu pai sofreu, meus parentes todos sofreram, né.”

**F10:** “Meer han immer in de Schul gelernd, ich un meine Bruder. Un sim-mer immer mim... zu Fus immer hemmgang komm mit de Lehrin, fun de Schul. Un... un do waar en Daagh geweend, sim-mer hemmgang komm un... hon-ich meine Bruder ferloer, is nittergefaar gebb, meine Bruder. Un... do hon-ich... un meine Bappa waar net dehemm, waar uwe in... hod gereesd, in São Paulo waar meine Bappa geweend un... ja, bis där dann nommol hemmkomm is un dann... waar dat lang gedauert. Un fun do aan fort kammasaan waar meine Leve fersaud geweend. ”

“Nós sempre estudávamos na escola, eu e meu irmão. E sempre íamos com... vínhamos sempre a pé para casa com a professora, da escola. E houve um dia, vínhamos para casa e... eu perdi meu irmão, ele foi atropelado, meu irmão. E... aí eu... e meu pai não estava em casa, estava lá pra cima em... estava viajando, em São Paulo meu pai estava e... bem, até ele estar de novo em casa e então... isso demorou. E daí em diante praticamente a minha vida estava destruída.”

Além de o *code switching* ser mais corriqueiro em pessoas que possuem a Língua Portuguesa como L1, outro fator deve ser apresentado: apenas esses falantes apresentaram um comportamento linguístico em comum, no qual, além de fazer a troca de códigos linguísticos, também utilizaram durante a fala no Hunsriqueano uma frase ou sentença totalmente na Língua Portuguesa. A seguir, constam os exemplos dos falantes 12, 11 e 8, em diferentes temáticas de conversação, todos têm a Língua Portuguesa como língua materna e são de idades distintas.

**F12** (história feliz): “**ENTÃO, VOU FALAR O QUÊ. UMA COISA BOA DA MINHA VIDA.** *Ebbes scheene zu mein Lebe basseerd is, is mein zweu Kind. ”*

*“Então, vou falar o quê. Uma coisa boa da minha vida. Algo bonito que aconteceu à minha vida é meus dois filhos.”*

**F11** (história triste): “*De André, mein Tio, SE ENVOLVEU NUM ACIDENTE. Un kammersaan net, net saan... zwellef Uhr waar-er gestorreb mit Moto. Dat waar net leicht fer, wie ich dich gesaad, net fer mich, net fer uns... NÉ. ”*

*“O André, meu tio, se envolveu num acidente. E praticamente não, não dizer... doze horas ele estava morto com Moto. Isso não foi fácil para mim, como eu disse, nem para mim, nem para nós, né.”*

**F8:** (sobre a infância): “*Meer muss meuends schaffe ou mittachs schaffe, meuends ou mittachs in die Schul gehn. So lang, lang... A GENTE CAMINHAVA MUITO, MUITO PRA CHEGAR LÁ, MAS ERA MUITO BONITO, waare so scheen, mein Gott.*”

“*Tínhamos que trabalhar de manhã ou de tarde, ir para a escola de manhã ou de tarde. Tanto tempo, tanto tempo... A gente caminhava muito, muito para chegar lá, mas era muito bonito, era tão bonito, meu Deus.*”

#### **4.4 Categoria analítica: grau de escolaridade**

Inicialmente, pensou-se que o grau de escolaridade fosse um fator que influenciasse no aparecimento do *code switching*. No entanto, no decorrer da pesquisa, constatou-se que este fator extralinguístico não afeta a conversação direta em si, visto que o Hunsriqueano se trata de uma língua oralizada pelos falantes, passada de geração para geração e, dessa maneira, não interfere na troca de códigos linguísticos, uma vez que a maior parte dos falantes (desta pesquisa) tem baixo grau de instrução e, em sua maioria, cursaram somente até a 5ª série do Ensino Fundamental. Dessa forma, a análise dessa categoria torna-se secundária, visto que ela não atinge diretamente o uso do *code switching*, mas a língua de imigração em si, uma vez que os falantes tendem a se afastar desta língua de imigração, devido ao contato com a Língua Portuguesa nas escolas e demais instituições de ensino, sejam elas de nível básico ou superior.

A partir das categorias analíticas apresentadas, pode-se concluir que as trocas de códigos linguísticos Hunsriqueano-Português acontecem essencialmente em substantivos, verbos e interjeições. No entanto, os substantivos e verbos são utilizados com e sem adaptações, enquanto as interjeições são utilizadas sem adaptações. Ainda, outras classes de palavras apareceram nas trocas de códigos linguísticos, mesmo que de forma mínima em preposições, em numerais e advérbios.

Dessa forma, conclui-se que os substantivos representam a maior parte das trocas de códigos linguísticos, seguidos pelas interjeições e verbos. Além disso,



mulheres, pessoas mais jovens e os que possuem a Língua Portuguesa como língua materna cometem mais trocas de códigos linguísticos se comparado aos homens, pessoas com idade mais elevada e que possuem o Hunsriqueano como língua materna.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De modo geral, é necessário respeitar as Línguas Minoritárias no Brasil e ainda, de acordo com Altenhofen (2013, p. 106), identificar e documentar estas línguas é importante, visto que nos dias atuais há um processo de substituição do Alemão para o Português por parte dos jovens interligado ao processo de escolarização e, conseqüentemente, ao maior contato com a Língua Portuguesa. Portanto, supõe-se que dentro de alguns anos não haverá falantes do Hunsriqueano, tornando-se uma língua extinta em Vale Real-RS. Diante disso, este estudo, ainda que minimamente, possui o objetivo de contribuir para a documentação do Hunsriqueano, uma vez que “as línguas faladas pelos descendentes de imigrantes são um depositário vivo da história da etnia no novo meio e, conseqüentemente, uma parte da história do Brasil.” (ALTENHOFEN, 2008, p. 49).

Por outro viés, para estudos futuros, pensa-se em analisar o *code switching* Hunsriqueano-Português em palavras que sofreram adaptações e já estão inseridas no vocabulário desta língua de imigração, as quais não foram exploradas nesta pesquisa. Pode-se, por exemplo, fazer uma análise de como se dão as adaptações e que regras elas seguem.

Por meio desta pesquisa e da análise linguística nela desenvolvida, foi possível concluir que as trocas de códigos linguísticos do Hunriqueano-Português ocorrem, essencialmente, em substantivos, verbos e interjeições. Certamente, os dados gerados por este estudo contribuirão para os estudos Sociolinguísticos, principalmente ao que



diz respeito aos “Estudos das Diversidades Linguísticas no RS”, coordenado pelo pesquisador Cléo Vilson Altenhofen.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. **A aprendizagem do Português em uma comunidade bilíngue do Rio Grande do Sul: um estudo de redes de comunicação em Harmonia**. 1990. 242 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dialetos alemães falados no Brasil. Origem, diversidade e contatos com o Português**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Leopoldo: Casa Leiria, 2008.

\_\_\_\_\_. **Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil**. In:

COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Lingüística, vol. 8, 1982.

BLOM, J.P., GUMPERZ, J.J. **Social Meaning in structure: codeswitching in Norway**. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds.). *Directions in sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

DABÈNE, L., MOORE, D. **Bilingual speech of migrant people**. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. *One speaker, two languages*. Cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

EDWARDS, J. **Foundations of Bilingualism**. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W. C. (Eds.). *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 7-31.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1982.

HABEL, J. M. **Fundamentos para os estudos das línguas dos imigrantes boêmios no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2014, 68f.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOUTINHO, A.P. **O code-switching na perspectiva da intercompreensão: interações em chat plurilíngue no projeto galanet**. Rio de Janeiro: PUC, 2013. 150p.

NICOLAIDES, C. et al. (orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

SAER, D.J. **The Effects of Bilingualism on Intelligence.** *British Journal of Psychology*, v. 14, p. 25-38, 1922.

Recebido Para Publicação em 30 de outubro de 2018.  
Aprovado Para Publicação em 18 de dezembro de 2018.